

A RENASCENÇA ITALIANA COMO ELO ENTRE JACOB BURCKHARDT E NIETZSCHE: UMA INTRODUÇÃO

The Italian's Renaissance as a link between Jacob Burckhardt and Nietzsche: an introduction

Sdnei Almeida Pestano
sdnei_pestano@yahoo.com.br

Resumo: pretendemos expor alguns elementos de ligação entre Jacob Burckhardt e Friedrich Nietzsche. O enfoque do nosso artigo está na obra *A cultura da Renascença na Itália*, de Burckhardt, e nas obras *Além de bem e mal* e *A genealogia da moral*, de Nietzsche. Mostraremos como ambos os autores interpretam a Renascença, César Bórgia e Maquiavel.

Palavras-chave: Nietzsche; Burckhardt; Renascença; César Bórgia; Maquiavel.

Abstract: We will pretend to present some elements of connection between Jacob Burckhardt and Friedrich Nietzsche. The focus of our article is in the work “The Civilization of the Renaissance in Italy” of Burckhardt and in works “Beyond good and evil” and “On the genealogy of morality” of Nietzsche. We will show how both of them interpreted the Renaissance, Cesare Borgia and Machiavel.

Keywords: Nietzsche; Burckhardt; Renaissance; Cesare Borgia; Machiavel.

Considerações Iniciais

Neste artigo procuraremos efetuar a relação de Jacob Burckhardt e Friedrich Nietzsche. O que procuraremos explorar é a influência do retratista da Renascença sob o filósofo. Segundo Henning, “Nietzsche conheceu a Renascença pelo célebre livro ‘A cultura da Renascença na Itália’ de Burckhardt”¹. Acredita-se que, com o auxílio da obra *A cultura da renascença na Itália*, a qual Nietzsche lera em 1871, seja possível aprofundar a questão quanto ao entendimento que o autor possuía sobre a Renascença italiana. Não pretendemos dar conta, neste escrito, de todos os pormenores presentes na relação entre ambos os autores, nosso intuito é traçar linhas gerais desta conexão possível e pertinente.

Em um primeiro momento apresentaremos as posições de Burckhardt em sua história da cultura tendo em mente o texto supracitado. Neste ponto pretendemos abordar a relação entre as grandes individualidades e a crueldade em um contexto inflamado pelas paixões. É este contexto que permite o que o autor chamará de duas faces da consciência. César Bórgia é outro vínculo importante entre ambos os autores na medida em que ele possuía a força capaz de secularizar a igreja. Na segunda parte do nosso artigo, pretendemos abordar a concepção nietzschiana da renascença, de Maquiavel e de César Bórgia.

¹ “Nietzsche kannte die Reaissance aus Burckhardts berühmter, Kultur der Renaissance in Italien” (1999, p.282) [a tradução é nossa].

1. A Pintura de Burckhardt: o retrato da Renascença

Uma obra que pinta o retrato do homem de uma época, sem esconder os seus aspectos mais cruéis; um período no qual a traição, a exploração e a violência faziam parte, tanto do interior das nobres famílias, quanto do organismo estatal italiano. Mais forte que qualquer lei ou direito concedido pela tradição estava a força da personalidade individual, que agora visa ao cume. É o período de criação e fervilhar de individualidades surgidas entre intrigas e traições.

A pretensão neste artigo não é criticar a concepção que Burckhardt possuía do período medieval, mas observar que, para ele, o período renascentista representa a libertação do Estado e do homem. A renascença é vista sempre enquanto uma contraposição ao período medieval e é desta época de escuridão que o homem, guiado pela antiguidade clássica, se liberta: “não se tinha convicção mais firme do que a de que a Antiguidade constituía justamente a mais alta glória da nação italiana”². Esse interesse pela Antiguidade clássica pode também ser representado pela figura de Rafael quando ele “roga ao papa que proteja os poucos testemunhos ainda remanescentes da grandeza e força daquela alma divina da Antiguidade, à memória da qual se inflamam ainda aqueles capazes de coisas superiores”³.

O exemplo de talento ou virtuosidade era visto tanto na habilidade em conduzir o exército, como também na disposição para a traição e a usurpação. O tirano renascentista pode ser retratado, mesmo que muitas vezes lhe falte algum destes aspectos, enquanto possuidor dos seguintes atributos: “disposição criminosa, impiedade, talento bélico e elevada formação”⁴. A Renascença italiana foi uma época vívida em paixão e vingança composta por uma nobreza desprovida de direitos. Com isso, não é possível exigir a imagem pura de que o poder provém de Deus destas “imaginações e ídoles ardentes e apaixonadas”⁵, resta apenas o poder da própria individualidade. Há uma narrativa de Burckhardt que representa bem esta ideia:

Tendo Lorenzino de Medici assassinado o duque Alexandre (1537) e se refugiado, uma apologia do feito veio à luz – provavelmente, de próprio punho ou, ao menos, por ele encomendada –, louvando o tiranicídio em si como a mais meritória das obras⁶.

² BURCKHARDT, 1991, p.158.

³ BURCKHARDT, 1991, p.147s.

⁴ BURCKHARDT, 1991, p.42. Nesta citação, Burckhardt está fazendo referência a Sigismondo Malatesta. Porém, acredita-se que tais características podem demonstrar os traços gerais de muitos dos tiranos apresentados em seu livro.

⁵ BURCKHARDT, 1991, p.58.

⁶ BURCKHARDT, 1991, p.60s.

O individualismo afirmado anteriormente, não valia apenas aos homens, mas expandia-se de tal forma que cada cidade italiana disputava o poder e, sendo assim, a ideia de unir as cidades italianas estava presente⁷. O que levou a este desejo era a permanente instabilidade política da época. A Itália estava à frente de toda a Europa e as marcas da individualidade dos homens italianos representavam o surgimento do homem moderno, era o “retrato multifacetado do caráter”⁸ que, nos diversos aspectos da cultura, demonstra o aspecto psicológico do homem da Renascença.

Quando, pois, um tal impulso para o mais elevado desenvolvimento da personalidade combinou-se com uma natureza realmente poderosa e multifacetada, capaz de dominar ao mesmo tempo todos os elementos da cultura de então, o resultado foi o surgimento do “homem universal” – *l'uomo universale* – que à Itália e somente a ela pertence⁹.

São os homens de contornos colossais, que “por si sós, tudo podem; basta que queiram”¹⁰, os *grandes homens da Renascença*¹¹. Segue-se a isso uma reavaliação do sentido de nobreza. Pois,

Em uma época na qual *condottieri* tornavam-se príncipes, quando não apenas a origem social, mas também a legitimidade da descendência deixou de ser pré-requisito para a ascensão ao trono – quando, pois, tudo isso se deu, pôde-se então acreditar que uma era de igualdade havia despontado e que o conceito de nobreza havia desaparecido completamente.

A teoria, recorrendo à Antiguidade, podia já, apoiando-se no mesmo Aristóteles, confirmar ou negar à nobreza o direito de existência. Dante, por exemplo [*De monarchia*, liv. II, cap. 3], retira da definição aristotélica de que “a nobreza repousa sobre a excelência e a riqueza herdada” sua afirmação de que “a nobreza repousa sobre a excelência do próprio indivíduo ou a de seus antepassados”¹².

A simples menção à discussão e relativização da ideia de nobreza (*nobile-notável*, *nobiltà* ou ainda *eugeneia-bem nascido*) ocorrida na Renascença, apresentada por Burckhardt, já basta para o que se propõe neste momento, pois aqui se sublinha o desprendimento da noção de “bem nascido” em prol de uma noção ligada aos atos do indivíduo e, por conseguinte, ao seu mérito pessoal.

⁷ Este era também o desejo de Dante e Petrarca, o que mostra que não era um desejo apenas de Maquiavel, mas de muitos de sua época. “já Dante e Petrarca proclamam em altos brados uma Itália unida, para a qual se deveriam envidar os mais elevados esforços.” (BURCKHARDT, 1991, p.107)

⁸ BURCKHARDT, 1991, p.112.

⁹ BURCKHARDT, 1991, p.115.

¹⁰ BURCKHARDT, 1991, p.118. Afirmação de Alberti narrada por Burckhardt.

¹¹ No artigo de Hernani, mencionado anteriormente, há uma concepção distinta de *grandes homens da história*. O seu embasamento teórico está nos cursos ministrados por Burckhardt; e a definição pode ser, de forma sucinta, descrita da seguinte maneira: Os grandes homens seriam aqueles sem os quais a humanidade não seria o que é; seriam eles os poucos homens imprescindíveis, seriam únicos. Alguns de seus exemplares seriam: Ésquilo, Copérnico e Rafael. A base teórica de onde provém a definição aqui apresentada está no livro “A cultura do Renascimento na Itália”. Com toda certeza a definição apresentada pelo comentador é importante, porém, o curto prazo e a tarefa que se impõe não permite o estudo de todas as obras e aulas de Burckhardt.

¹² BURCKHARDT, 1991, p.262.

Começemos por nomear a força moral que reagia com maior intensidade ao mal. Os homens de mais elevado talento intelectual acreditavam identificá-la na noção de honra. Tal sentimento constitui-se da enigmática mistura de consciência e egoísmo que o homem moderno ainda conserva, mesmo tendo perdido – por sua própria culpa ou não – tudo o mais: a crença, o amor e a esperança. Tanto o maior egoísmo quanto os piores vícios são compatíveis com essa noção de honra, capaz de produzir gigantescas ilusões; é igualmente possível, entretanto, que toda a nobreza que resta ao indivíduo se associe a esse sentimento, dessa fonte retirando novas forças¹³.

O Renascimento não pode ser representado totalmente por essas noções. Havia uma corrente contrária que acreditava que a desestabilidade da península se devia a imoralidade amplamente desenvolvida. Em resposta a estes, Burckhardt afirma que

Qualquer outro teria, talvez, dito: “nós somos desenvolvidos preponderantemente em nossa individualidade; nossa raça libertou-nos das barreiras de sua moral e religião, e nós desprezamos as leis exteriores porque nosso soberano é ilegítimo e seus funcionários e juízes, abjetos”¹⁴.

Burckhardt atribui essa individualização ilimitada do homem renascentista à sua fantasia, pois “é somente sob o domínio dela que o egoísmo sem peias atinge sua plena fertilidade”¹⁵. Com o intuito de demonstrar até onde os italianos levaram esta individualidade, Burckhardt segue sua narrativa de tal forma que não é difícil encontrar um leitor que fique horrorizado¹⁶.

O homem renascentista é juiz, mas para Burckhardt este juiz não é apenas um carniceiro, ele é também uma individualidade cujo intuito é sobrepujar o ofensor nos aspectos físicos e psicológicos:

Todos concordam que, no tocante às ofensas e infrações diante das quais a justiça italiana de então revela-se impotente – e sobretudo no tocante àquelas diante das quais jamais em parte alguma poderá haver uma lei satisfatória –, cada um está autorizado a fazer justiça com suas próprias mãos. É necessário, porém, que haja engenho na vingança e que a punição do ofensor combine dano material com humilhação moral. Aos olhos da opinião pública, o emprego grosseiro e brutal unicamente da força não constitui reparação alguma – o indivíduo como um todo

¹³ BURCKHARDT, 1991, p.311.

¹⁴ BURCKHARDT, 1991, p.310.

¹⁵ BURCKHARDT, 1991, p.313.

¹⁶ Há uma passagem na qual é possível retratar, de um modo geral, o aspecto monstruoso da Renascença: “Em 12 de agosto de 1495, o padre Don Niccolò de Pelegati, de Figarolo, foi trancafiado numa gaiola de ferro junto à torre de San Giuliano, em Ferrara. Esse padre celebrara duas vezes sua primeira missa – da primeira vez, no mesmo dia em que cometera um assassinato pelo qual, a seguir, fora absolvido em Roma; posteriormente, matou quatro pessoas e casou-se com duas mulheres, com as quais vagava sem destino; depois disso, esteve presente em muitos assassinatos, estuprou mulheres, arrastou outras consigo, à força, praticou roubos em profusão, matou ainda muitas pessoas e assolou Ferrara com um bando armado e uniformizado a extorquir alimento e refúgio por meio de assassinatos e violências” (BURCKHARDT, 1991, p.324). Burckhardt não louva em seu livro este tipo de ato, esta passagem serve apenas para demonstrar que, se há beleza na violência, ela necessita ser levada às últimas consequências para que se possa julgar se existe beleza mergulhada em sangue e coberta por cadáveres. E, se por algum aspecto esta abordagem parece um tanto exagerada, o que fica é a afirmação de Pontano narrada por Burckhardt: “Aqui nada se compra mais barato do que uma vida humana” (BURCKHARDT, 1991, p.325).

tem que triunfar, com sua aptidão para a fama e o escárnio, e não meramente com o poder de seus punhos¹⁷.

É ainda necessário ressaltar outro aspecto desta passagem. Aqui também a vingança é vista como obra de arte e a citação acima ressalta bem o seu significado; ao mesmo tempo que, estes caracteres de uma Itália de outrora, eram cruéis em sua *bella vendetta*, eram também ingênuos na busca do apaziguamento da paixão; segundo o retratista,

O italiano de então é capaz de todo tipo de dissimulação para atingir determinados objetivos, mas não de hipocrisia em questões de princípio, ou perante si próprio ou perante os outros. Assim é que, com total ingenuidade, confessa ser a vingança uma necessidade humana¹⁸.

No que se refere aos príncipes, este aspecto de forma alguma se mostra diferente. A moral cristã não é mais forte o suficiente para apaziguar as paixões e nem para prescrever-lhes uma conduta:

os espíritos poderosos, por sua vez, os promotores do Renascimento, exibem, no tocante à religião, uma característica frequente nos jovens: se distinguem nitidamente entre o bem e o mal, eles, por outro lado, desconhecem o pecado. Graças a sua força plástica, confiam na própria capacidade de restabelecer sua harmonia interior em face de qualquer distúrbio sofrido, desconhecendo, por isso, o arrependimento. Com isso, esmaece-se também a necessidade de salvação, ao mesmo tempo em que, em vista da ambição e da intensa atividade intelectual cotidiana, o pensamento na vida eterna ou desaparece completamente ou assume uma forma poética, em lugar da dogmática¹⁹.

O princípio destes espíritos poderosos era de nunca se arrepender, não por fraqueza, mas por força. Esta força é capacidade de lidar com o bem e com o mal; uma força plástica. Em suma, uma força com a capacidade de moldar, modelar, esculpir que permite aos renascentistas tornarem-se um contraponto a qualquer lei universal.

2. A Libertação das Duas Faces da Consciência

Ao apresentar a cultura renascentista, Burckhardt afirma a existência de duas faces da consciência: “aquela voltada para o mundo exterior e a outra, para o interior do próprio homem”²⁰. A Renascença foi a libertação destes dois aspectos do humano em detrimento daquele existente no período medieval.

No que refere ao primeiro aspecto da consciência, pode-se dizer que o homem passa a ver e tratar o Estado de forma objetiva. É neste período que são iniciados o uso da estatística e o uso de um procedimento que deu origem a concepção de *Estado como forma de arte*²¹, qual

¹⁷ BURCKHARDT, 1991, p.316.

¹⁸ BURCKHARDT, 1991, p.316.

¹⁹ BURCKHARDT, 1991, p.354.

²⁰ BURCKHARDT, 1991, p.111.

²¹ “*Der Saat als Kunstwerk*”, este é o título da primeira parte do livro de Burckhardt. Porém, até o momento, entende-se arte enquanto ofício: “*Talvez ele já tenha passado os olhos pela tese de que, com a Renascença inicie*

seja, um “produto da reflexão, criações conscientes, embasadas em manifestos e bem calculados fundamentos”²². Não apenas a forma de entender e administrar o Estado são concebidos enquanto forma de arte, mas a vingança e a vida doméstica também são entendidas enquanto tal. Essa conscientização, ordenação, pelo menos na vida doméstica, era auxiliada por uma boa visão administrativa. No caso da *bella vendeta* era o uso da razão na elaboração da vingança que pintava o seu colorido.

A situação de desconfiança generalizada entre os principados acarreta na incerteza do poder. A usurpação que outrora permitiu a ascensão ao poder, agora serve de combustível que fomentará as desconfianças e incentivará novos atos ilícitos na busca pelo mesmo poder. A lei, carcomida, não possui influência sobre os nobres; o homem italiano vê-se num abismo dentro do qual restam apenas os destroços deixados por uma moral ultrapassada, a qual não mais prescreve, julga ou comove. O que poderia fazer o homem renascentista diante deste abismo? A resposta foi voltar-se a si mesmo.

Já em épocas bem mais remotas, verifica-se aqui e ali o desenvolvimento de uma personalidade entregue a si própria, desenvolvimento que, à mesma época, não tem paralelo no Norte, ou não se revela de maneira semelhante. [...] Findo o século XIII, porém, a Itália começa a fervilhar de tais personalidades; rompe-se ali inteiramente o encanto que pesava sobre o individualismo; desconhecendo limites, milhares de rostos adquirem sua feição própria. [...] no século XV, a Itália praticamente desconhece a falsa modéstia e a hipocrisia de um modo geral; ser humano algum receia sobressair, ser e parecer diferente dos demais²³.

Este é o aspecto subjetivo, no qual o homem renascentista, voltado a si próprio, ergue-se e é comparado por Burckhardt ao homem grego. Sob o poder do nobre está a força de sua personalidade e em seu talento a manutenção de sua própria vida. Porém, esta noção de força e talento ressalta o aspecto cru da existência, a crueldade e a subversão do instituído. E, quanto mais destas personalidades surgiam, maior tornava-se a necessidade do fortalecimento destes traços para combatê-la; inumeráveis personalidades com alguns traços em comum, pois “em uma Itália na qual só se podia então ser bigorna ou martelo”²⁴ aquilo que Maquiavel chamará de *virtù* e *fortuna* será fundamental. Sob tal aspecto “o homem torna-se um *indivíduo*

a época de elaboração de todas as coisas e instituições, estendendo-se pela paisagem artificial e pelos parques para a forma de vida até a Política como forma de arte” (HENNING, 1999, p.282). Cabe ressaltar que o termo *Künstlich* significa artificial e possui um sentido diferente do termo “Kunst”. Porém, o problema parece ficar maior quando Large afirma: “Cultura é, em outras palavras, uma obra de arte orgânica e coletiva, e este é, eu diria, o conceito de cultura (‘Kultur als Kunstwerk’) que Nietzsche ‘herda’ de Burckhardt. Rigorosamente dizendo, cultura é uma meta-obra de arte que engloba todas as outras formas díspares de arte e as transcende” (LARGE, 2002, p.21).

²² BURCKHARDT, 1991, p.81s.

²³ BURCKHARDT, 1991, p.112.

²⁴ BURCKHARDT, 1991, p.101.

espiritual e se reconhece enquanto tal”²⁵, e em conjunto com o aspecto objetivo, ele representa o singelo rosto da Renascença.

3. O César Bórgia de Burckhardt

César Bórgia fora filho de Alexandre VI, o qual restabeleceu a segurança pública diante de todas as calamidades que ocorriam na Itália. Burckhardt não possui muita consideração pelos Bórgia e os considera uma família mais espanhola que italiana. Ela representa o auge da corrupção, não o seu início. Já Alexandre VI não se importava com a agressão à moral vigente que os seus atos representavam, era à força que ele conquistara a reverência e o pavor. Se Alexandre representava, mesmo enquanto Papa, uma ameaça a Igreja, seu filho representava um temor ainda mais profundo. Quanto ao pai, cabe ressaltar que

A ambição pelo poder, a cobiça e a volúpia associavam-se a uma natureza forte e brilhante. Desde o princípio, ele se permitiu em larga medida tudo o que dissesse respeito à fruição do poder e do bem viver. No tocante aos meios empregados para tanto, parece totalmente inescrupuloso²⁶.

Mesmo possuindo tal natureza, Alexandre VI não pôde resistir a César Bórgia, com quem

O recurso à violência assumiu um caráter absolutamente satânico, o que, necessariamente, repercutiu nos objetivos a serem atingidos. O que se verificou na luta contra os grandes de Roma e contra os príncipes da Romanha excedeu, no campo da deslealdade e da atrocidade, até mesmo aqueles parâmetros aos quais o mundo já se habituara por intermédio, por exemplo, dos aragoneses de Nápoles; também o talento para o engodo revelou-se maior²⁷.

César, além de matar o próprio irmão e o seu cunhado, cometeu diversos outros assassinatos. Burckhardt afirma que o próprio Alexandre VI tinha medo do filho e por isso não pôde fazer nada quando César matou o próprio irmão. Segundo Burckhardt, era duvidoso o objetivo de César: se ele desejava tornar-se Papa, dominar toda a Itália ou tornar-se um soberano temporal. O retratista da cultura renascentista afirma que, enquanto meta imediata, a sujeição da Igreja era algo até mesmo necessário a César Bórgia, que utilizou de meios pavorosos na busca desta meta: “aqueles, porém, que os Bórgia não logravam apanhar por meio da violência escancarada sucumbiam a seu veneno”²⁸. De forma geral, a importância de César Bórgia para o período renascentista pode ser expressa pelas próprias palavras de Burckhardt:

²⁵ BURCKHARDT, 1991, p.111.

²⁶ BURCKHARDT, 1991, p.96.

²⁷ BURCKHARDT, 1991, p.97.

²⁸ BURCKHARDT, 1991, p.99.

Ele, mais do que ninguém, teria secularizado o Estado pontifício, e teria precisado fazê-lo para seguir governando. A não ser que estejamos redondamente enganados, essa é a razão fundamental da secreta simpatia que Maquiavel dispensa a esse grande criminoso: de César e de ninguém mais cabia-lhe esperar que “retirasse o ferro da ferida” – isto é, que aniquilasse o papado, a fonte de todas as intervenções e de toda fragmentação da Itália²⁹.

Esta passagem mostra o aspecto objetivo, além de revelar também, em seu interior, o aspecto subjetivo, pelo qual César Bórgia possui a força para romper com a moral da Igreja. Algo muito mais profundo e difícil. Para Nietzsche, não bastaria secularizar um Estado, isso as revoluções posteriores fizeram, mas é necessário secularizar a moral e, conseqüentemente, as ações. Que outro exemplo a história humana nos fornece de homens que tivessem tal capacidade? Apenas alguns tiranos menores e os escritos de Maquiavel que, em alguns aspectos, procura um homem deste tipo, mas com a individualidade menos desenvolvida ao ponto de colocar as suas metas em prol de um todo, ou seja, de uma Itália unida; mas, ainda sim, sem a interferência da Igreja.

4. Aos Olhos de Nietzsche: uma Renascença, um Maquiavel e um Cesar Bórgia

O que há no coração da Renascença que fez com que Nietzsche a ressuscitasse? O filósofo parece responder a esta pergunta no aforismo 262 de *Bem e mal*, quando pensa de forma nostálgica a época da velha moral. Para gerar essa velha moral, foi preciso um tipo de homem distinto do homem moderno, a saber: um homem criado em circunstâncias desfavoráveis.

O contexto da Renascença impõe o fortalecimento das personalidades. Neste aspecto, Nietzsche concorda com Burckhardt: o homem renascentista vive além da moral tradicional e, para tanto, é necessário a elevação da individualidade e o fortalecimento do seu caráter multifacetado. Nietzsche compara a *pólis*³⁰ grega à Veneza e afirma que “ali se acham, coexistindo e dependendo de si mesmos, homens que querem impor sua espécie, em geral porque têm de se impor, ou correr o pavoroso risco de serem exterminados”³¹. Este aforismo pode fornecer subsídios para entender um póstumo (1887-1888) no qual se confere muita importância:

Este tratado [tractatus politicus], como já disse, trata da política da virtude: ele supõe um ideal desta política, ele a descreve tal como seria preciso que ela fosse, se algo pudesse ser perfeito nessa terra. Porém, nenhum filósofo colocará em dúvida o que constitui o tipo da perfeição em política: a saber, o maquiavelismo. Mas o

²⁹ BURCKHARDT, 1991, p.98.

³⁰ É possível encontrar, também, essa resposta na concepção de homem grego que Nietzsche apresenta ainda em sua juventude (ver o terceiro prefácio – O Estado Grego – na obra: *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*), porém o que se pretende com este escrito delimita o tema de tal forma que não é possível traçar um paralelo entre ambos os períodos.

³¹ JGB/BM §262.

maquiavelismo *puro, sem mistura, cru, verde, com toda a sua força, com toda a sua âpreté*, é sobre humano, divino, transcendente, jamais é alcançado pelo homem, especialmente por aquele que foi apenas levemente afetado por ele... Nesta espécie mais estrita da política da virtude, parece que em nenhum outro lugar o ideal foi um dia alcançado³².

A questão nesta passagem é compreender o que Nietzsche entende por *maquiavelismo puro, sem mistura, cru, verde, com toda a sua força*. Com esse intuito, volta-se ao aforismo citado anteriormente (ainda remetendo-se à *pólis* grega e à Veneza):

Aqui falta o desvelo, o excesso, a proteção sob a qual a variação é promovida; a espécie necessita de si mesma como espécie, como algo que justamente por sua dureza, uniformidade, simplicidade de forma pode se impor e se tornar duradouro, na constante luta com os vizinhos ou os oprimidos em revolta ou que ameaça revoltar-se. A mais multifária experiência lhe ensina a que propriedades ela deve, acima de tudo e apesar de todos os deuses e homens, o fato de ainda viver e de ter sempre vencido: essas propriedades ela as denomina virtudes, e apenas essas virtudes ela cria e cultiva. Ela o faz com dureza, inclusive deseja a dureza [...]³³.

Em conjunto a esse ideal de política apresentado por Nietzsche, está presente toda a noção de homem da Renascença e a tensão própria do período. Segundo o filósofo alemão, seria de contextos como o da renascença que seria possível emergir grandes homens³⁴. Maquiavel é também o símbolo desta Renascença e o seu realismo aparece em Nietzsche com uma conotação própria:

O que atraiu Nietzsche, assim como muitos outros antes dele, em Maquiavel foi o *realismo* sem disfarce. Ele já se entusiasmara com ele [realismo] em Tucídides, e Nietzsche sentiu-se sempre próximo a estes autores, os quais não ocultavam ou moralizavam a força, mas sim queriam torná-la evidente³⁵.

O maquiavelismo expresso no póstumo de 1888-1889 talvez represente esse realismo, o qual não é expresso pela *Realpolitik*³⁶, mas, sim, conforme as palavras de Henning, uma força livre da interpretação tendenciosa da moral. Nietzsche não separa a política da moral,

³² *Nachlass/FP 1887-88, 11[54], KSA 13.24.*

³³ JGB/BM § 262.

³⁴ Henning se baseia no filme “Dritten Mannes” para criar uma imagem que representa bem esta ideia. Em sua citação, de memória, afirma: “Florenz – hundert Jahre Mord und Totschlag – Leonardo und Michelangelo; die Schweiz – vierhundert Jahre Frieden – die Kuckucksuhr” (HENNING, 1999, p.282-283). (Florença – 100 anos de morte e homicídio – Leonardo e Michelangelo; Suíça – 400 anos de paz – o relógio cuco).

³⁵ “Was Nietzsche, wie so viele vor ihm, na Machiavelli anzog, war der ungeschminke *Realismus*. Er hatte ihn schon für Thukydides schwärmen lassen, und Nietzsche fühlte sich stets jenen Autoren nahe, welche die Macht nicht verstecketen oder vermoralisierten, sondern zunächst einmal offenlegen wollten” (HENNING, 1999, p.287). [A tradução é nossa]. Observa-se que não é a pretensão neste trabalho buscar as relações com Tucídides.

³⁶ No livro *Nietzsche como pensador político: uma introdução*, Ansell-Pearson afirma: “Talvez o aspecto mais característico do pensamento político de Nietzsche e Arendt seja que, como o de Maquiavel, procura separar a política da moralidade” (PEARSON, 1997, p.56). Além de não concordar com essa hipótese, descarta-se também a concepção apresentada pelo Oxford English Dictionary que “define a ação ‘maquiavélica’ como enganosa, pérfida e astuta” (*Apud* PEARSON, 1997). Esta concepção não leva em consideração a teoria de Nietzsche em sua totalidade, revela apenas o aspecto mais corriqueiro do termo. Admite-se haver outras possibilidades de interpretação além das que serão apresentadas aqui – o estudo de HENNING é um bom exemplo, pois lança a possibilidade de que uma chave de leitura, para interpretar o maquiavelismo de Nietzsche, possa estar presente nos escritos de juventude, mais especificamente, na *metafísica de artista* – porém, o presente estudo não permite que se abarque tantas perspectivas.

pois, em sua concepção, a moralidade não pode ser vista fora da vida e, consecutivamente, fora do político. Neste sentido concordamos com Fink: “Ao anular a alienação da existência humana, Nietzsche apreende a vida como derradeira razão de todos os valores. Só há valores na medida em que são estabelecidos pela vida”³⁷.

Havia vários fatores que faziam com que os renascentistas desprezassem a moral cristã. Entretanto, eles, em sua maioria, estavam ligados à outra crença; a magia ou a astrologia podem ser exemplos existentes na obra de Burckhardt que ilustram bem esta ideia. Porém, o que Maquiavel propõe é algo diferente, ele representa perfeitamente a ideia do Estado como forma de arte; suas deliberações visam à boa organização do Estado sem interferências religiosas. Nesta busca, Maquiavel abrange não só a libertação do aspecto exterior do homem, mas também a libertação de cunho subjetivo, imprescindível à noção de príncipe que Maquiavel molda. Este príncipe é o mesmo de força plástica, capaz de moldar a própria moral de acordo com a circunstância e não se arrepende por isso. Maquiavel reforça esta ideia quando afirma: “creio, ainda, seja feliz aquele que acomode o seu modo de proceder com a natureza dos tempos, da mesma forma que penso seja infeliz aquele que, com o seu proceder, entre em choque com o momento que atravessa”³⁸.

É viável reforçar aqui que o foco deste estudo está numa obra tardia de Nietzsche, mais especificamente em *além do bem e do mal* (1886). Tendo isto em vista, cabe afirmar que aquela divisão feita por Burckhardt, entre a face objetiva e a face subjetiva da Renascença, é importante, pois neste período de seus escritos, Nietzsche não está preocupado com, pode se dizer, o que Burckhardt denomina de face objetiva. É a questão subjetiva que envolve de forma mais forte a interpretação de Nietzsche no que diz respeito a Renascença e a Maquiavel:

Toda psicologia, até o momento, tem estado presa a preconceitos e temores morais: não ousou descer às profundezas. Compreendê-la como morfologia e teoria da evolução da vontade de poder, tal como faço – isto é algo que ninguém tocou sequer em pensamento [...] ³⁹.

É no lugar de uma psicologia arraigada em uma separação completa dos impulsos “bons” e “maus” que Nietzsche quer impor a sua nova psicologia.

Supondo, porém que alguém tome os afetos de ódio, inveja, cupidez, ânsia de domínio, como afetos que condicionam a vida, como algo que tem que estar presente, por princípio e de modo essencial, na economia global da vida, e em consequência deve ser realçado, se a vida é para ser realçada – esse alguém sofrerá com tal orientação do seu julgamento como quem sofre de enjoo do mar. No

³⁷ 1983, p.139.

³⁸ MAQUIAVEL, 1990, p.140.

³⁹ JGB/BM § 23.

entanto, mesmo essa hipótese está longe de ser a mais dolorosa e mais estranha nesse desmesurado, quase inexplorado reino de conhecimentos perigosos [...]”⁴⁰.

Este seu novo caminho, ainda quase desconhecido e inóspito, permite uma nova possibilidade que é justamente a dúvida da ideia tradicional de bem e mal. Nietzsche não é um realista político no sentido em que é apresentado por Pearson, mas alguém que levou ao extremo a transvaloração de todos os valores sem a desvincular do mundo e da possibilidade de uma extrema crueldade e violência.

Maquiavel não levou em consideração o dilaceramento no qual o indivíduo está envolto ao afirmar-se enquanto um micro-cosmo; Burckhardt e Nietzsche sim. Para Nietzsche, a simples secularização do Estado seria o mesmo que a inútil tentativa de cortar a cabeça de uma hidra; seria necessário um Hércules para realmente libertar as “duas faces da consciência”⁴¹.

A questão levantada aqui é a primeira distinção a apresentar-se entre Nietzsche e Maquiavel. Essa, ao que parece, pode muito bem ser representado pela figura da personagem Raskólnikov, de Dostoiévski. Este jovem e pálido estudante que, ao tentar romper com o instituído e tentar igualar-se a indivíduos extraordinários, perece em prol da sua própria consciência. O conflito moral apresentado por Dostoiévski de forma alguma pode ser visto no retrato apresentado do grande homem da Renascença de Burckhardt, como também não o pode no príncipe desejado por Maquiavel. Já em Nietzsche esta questão é levada ao extremo.

Napoleão e César Bórgia surgem na filosofia de Nietzsche⁴² como exemplos. Resta agora ver como Nietzsche entendia César Bórgia. Encontramos uma pista em *Além do Bem e do Mal*, quando Nietzsche afirma:

Demonstramos profunda incompreensão do animal de rapina e do homem de rapina (César Bórgia, por exemplo), incompreensão da “natureza”, ao procurar por algo “doentio” no âmago desses mais saudáveis monstros e criaturas tropicais, ou mesmo por um “inferno” que lhes seria congênito –: como sempre fez quase todo moralista⁴³.

Nietzsche não parece compreender César Bórgia da mesma maneira que Burckhardt. É possível dizer que, no máximo, seu entendimento pode ser comparado com o que Maquiavel possuía, no sentido de uma força capaz de secularização da ação. Mas, mesmo personalidades tão fortes, não realizam em plenitude o projeto de Nietzsche – são exemplos de aceitação da

⁴⁰ JGB/BM § 23.

⁴¹ Quando trazemos para o contexto da filosofia de Nietzsche a noção de “duas faces da consciência”, queremos ressaltar tanto as relações pulsionais e as ações dos homens em sua efetividade.

⁴² Pela proximidade ao Renascimento, a figura principal aqui apresentada será César Bórgia, porém, em algum momento, será necessário recorrer a imagem de Napoleão.

⁴³ JGB/BM § 197.

vida, pois até à grande figura de Napoleão é conferido, pelo próprio Nietzsche, um grande erro: o nacionalismo. De acordo com Henning

Uma função importante para o maquiavelismo e para a celebração de Cesare Bórgia desempenha, em primeiro lugar, a vontade de Nietzsche pelo “*Antichristetum*”, assim como pela inversão da moral platônico-cristã. Isso já era menos realismo que vontade do ato de choque da consciência moral contemporânea, cuja as tendências ao altruísmo foram confrontadas com a vitalidade e a selvageria do homem da Renascença, com o renascimento do homem antigo, assim como Nietzsche o via. “Cesare Bórgia como Papa” – Nietzsche alude com isso a interpretação de Burckhardt de Maquiavel. Portanto Maquiavel era partidário de Cesare Bórgia, porque ele viu nele (tivesse ele se tornado Papa) o possível secularizador e destruidor do estado episcopal, e com isso o potencial salvador da pátria. Em Nietzsche o motivo político nacional cede ao motivo anti-cristão. Cesare Bórgia tornou-se símbolo da possível renovação da cultura e moral pagã, e “Cesare Bórgia como papa”, isto era, que a história, daquele tempo, poderia ter transcorrido de outra maneira. Ela estava em um ponto de transição, no qual o caminho de volta para a antiguidade teria sido imediatamente possível, sem a pós-história da reforma e do cristianismo que está em processo de renovação⁴⁴.

Cesar Bórgia como Papa certamente teria ido além das perversidades cometidas por seu pai, Henrique VI, no trono papal. Torna-se saliente mais uma distinção importante entre ambos os autores aqui trabalhados: enquanto que para Maquiavel Cesar Bórgia representa um possível salvador de uma Itália dividida; para Nietzsche o seu fim é distinto, o seu intuito é que ele seja um exemplo de indivíduo paradoxal que possua a capacidade de se contrapor aos valores cristãos. No que se refere ao César Bórgia de Nietzsche, ressalta-se a crítica de Heinrich Mann:

O César de nosso filósofo, na melhor das hipóteses, toma lugar em outra categoria situada mais atrás. Sua falta de consciência constituía um exemplo acabado, mas não levou a resultado algum. Quis ser o tirano da Itália, mas morreu como um anônimo, numa trincheira espanhola. Seu ativo mais evidente se compõe de alguns envenenamentos inúteis. Foi por essa figura de aventureiro infeliz que se entusiasmou o poeta criador do super-homem. E foi ela que personificou, a seus olhos, a integral aceitação da vida⁴⁵.

Em resposta à crítica de Mann, pode-se apenas responder com um *talvez!* Pois é o que diz Nietzsche: talvez a crença na oposição dos valores seja falsa, “é até mesmo possível que aquilo que constitui o valor dessas coisas boas e honradas consista exatamente no fato de

⁴⁴ “Eine große Rolle für Machiavellismus und Feier des Cesare Bórgia spielen zunächst einmal Nietzsches Wille zum Antichristentum wie zur Umkehrung der platonisch-christlichen Moral. Das war schon weniger Realismus als Wille zur Schockierung des zeitgenössischen Moralbewußtseins, dessen Tendenzen zum Altruismus mit der Vitalität und Wildheit des Renaissance-Menschen konfrontiert wurden, mit der Wiedergeburt des antiken Menschen, so wie Nietzsche ihn sah. „Cesare Bórgia als Papst“ – Nietzsche spielte damit nauf die Machiavellideutung Burckhardt. Demnach war Machiavelli Anhänger des Cesare Bórgia, weil er ihm (wäre er Papst geworden) den potentiellen Retter des Vaterlandes, erblickte. Bei Nietzsche Weicht das nationalpolitische Motiv dem anti-christlichen. Cesare Bórgia wird Symbol der möglichen Erneuerung der heidnischen Kultur und Moral, und „Cesare Bórgia als Papst“, das hieß, daß die Geschichte damals Anders hätte verlaufen Können. Sie stand na einem Umschlagspunkt, na dem der Weg zurück in die Antike unmittelbar wieder möglich gewesen wäre, ohne die Nachgeschichte der Reformation und des sich erneuernden Christentums” (HENNING, 1999, p.288) [a tradução é nossa].

⁴⁵ MANN, 1961, p.47s.

serem insidiosamente aparentadas, atadas, unidas, e talvez até essencialmente iguais, a essas coisas ruins e aparentemente opostas”⁴⁶. Maquiavel nunca fez um questionamento desta profundidade, o máximo que admite é que o homem deve ser capaz de fazer tanto o que é mal, quanto o que é bom, quando for necessário. Mas para Nietzsche, talvez, esta polaridade não exista e todos os aspectos que os pertencem já estão na “alma” humana. Maquiavel, neste sentido, ao opor valores, teria cometido o *típico preconceito* dos metafísicos. Dando fim a questão, Nietzsche não estaria assim tão preocupado com o fato de que César Bórgia fora ou não bem sucedido, mas, sim com a questão: o quanto uma ação é afirmadora ou negadora da vida.

Concomitante a esta força plástica necessária a uma postura além da moral cristã, o aspecto estético é também de muito importante:

[...] se Napoleão pode ser considerado genial, só o pode porque o essencial não residia em seu poderio político ou bélico, mas no grande estilo⁴⁷, na amplitude de horizontes de sua atividade militar ou de estadista. É em virtude dessa combinação entre o político e o artístico que Napoleão é grande, enquanto que a força das armas e o poder político apenas não o teriam diferenciado da mediocridade moderna [...]. O mesmo se poderia dizer da fascinação por Cesare Bórgia; também ela recorre a essa noção chave de grande estilo; trata-se aqui da dramatização da grandeza, mesmo nas paixões e no vício, desta vez aplicada ao ‘maquiavelismo’ de Cesare Bórgia e que o tornava, aos olhos de Nietzsche, o contrário absoluto da confortável mediocridade utilitarista, que não é sacudida por nenhuma paixão violenta, porque é impotente para qualquer arrebatamento⁴⁸.

Na renascença havia também a elevação da arte e da política; não é de se estranhar, no entanto, que um dos seus exemplos mais cruéis, Cesar Bórgia, possua também um elevado valor artístico: a capacidade de criação. Neste sentido é que Henning afirma a seguinte alegoria: “Cesar Bórgia era irmão de Leonardo e Michelangelo, assim como Napoleão deveria ter sido ‘irmão póstumo’ de Dante e Miguelangelo”⁴⁹.

⁴⁶ JGB/BM § 3.

⁴⁷ Essa noção de grandeza pode ser encontrada no jovem Nietzsche, período no qual a sua relação com Burckhardt era mais intensa. Neste contexto os grandes homens seriam “os criadores da cultura, os filósofos, os artistas e, em especial, o ‘gênio’” (CHAVES, 2000, p.49). É preciso cuidado ao tratar deste tema, pois neste período a influência de Schopenhauer – não apenas sobre Nietzsche, mas também sobre Burckhardt – é latente e os objetivos são outros. O que se impõe aqui é que essa noção de ‘grande’ já se tornara, como afirma Chaves, em parte estética, parte moral em 1872-73: segundo Nietzsche (*Apud* CHAVES, 2000) “É uma legislação dos grandes ligar à filosofia um ‘dar nomes’: ‘isto é grande’ diz ele e através disso eleva os homens. Isso começa com a legislação da moral: ‘isto é grande’, ponto de partida dos sete sábios, que os Romanos, nos bons tempos, nunca deixaram de lado”. Não é o intuito aqui uma aceitação total dos conceitos presentes nos escritos de juventude, mas apenas apontar que a união entre o estético e o moral, presente na nobreza de Nietzsche, já se encontrava presente, mesmo que o conceito de moral e estético não coincida completamente.

⁴⁸ GIACÓIA, 2010.

⁴⁹ “Cesare Bórgia war Bruder des Leonardo und des Michelangelo, so wie Napoleon de „posthume Bruder“ des Dante und Michelangelo gewesen sein sollte” (1999, p.292) [A tradução é nossa].

O que se pretendeu neste breve trabalho não foi resolver o problema colocado por Nietzsche, mas apenas perscrutar os seus rastros e tentar, mesmo que seja apenas um vislumbre, reconhecer algumas das paisagens pelas quais Nietzsche passou. Utilizando uma imagem de Nietzsche, a Renascença seria como um arco rígido, um período que permite que se alcancem alvos mais distantes. Porém, para tanto, é necessário um indivíduo com tamanha força para envergar ainda mais este arco e também para manuseá-lo, apontando-o rumo ao extraordinário. Para Maquiavel, o período em que ele vive é uma época que precisa ser amenizada, contida e, sobretudo, organizada. Este contraponto não pode ser esquecido.

Referências Bibliográficas:

- ANSELL-PEARSON, Keith. **Nietzsche como pensador político: uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. “Nietzsche on the machiavelianism of Power”. In: **Nietzsche contra Rousseau: Nietzsche’s moral and political thought**. New York: Cambridge University Press, 1999. pp.38-43.
- BIGNOTO, Newton. “As fronteiras da ética: Maquiavel”. In: NOVAES, Adauto (org.). **Ética**. São Paulo: Companhia das letras, 1992. pp.113-125.
- BURCKHARDT, Jakob. **A Cultura do Renascimento da Itália: um ensaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CHAVES, Hernani. “Cultura e política: o jovem Nietzsche e Jakob Burckhardt”. In: **Cadernos Nietzsche**. n. 9, pp.41-66, 2000.
- DOMBOWSKY, Don. **Nietzsche’s Machiavellian Politics**. New York: Palgrave Macmillan, 2004.
- GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. “Algumas notas sobre ‘a grande política’”. In: AZEREDO, Vânia Dutra de. (Org.). **Falando sobre Nietzsche**. Ijuí: Unijuí, 2005. pp.147-163.
- _____. “Crítica da moral como política em Nietzsche”. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/artigosb/crimornt.htm>>. Acesso em: 14 out. 2010.
- HENNING, Ottmann. **Philosophie und Politik bei Nietzsche**. Berlin: de Gruyter, 1999, pp.281-292.
- LARGE, Duncan. “Nosso Maior Mestre: Nietzsche, Burckhardt e o conceito de cultura”. In: **Cadernos Nietzsche**. n. 9, pp.03-39, 2000.
- MANN, Heinrich. “A Glória Póstuma”. In: **Friedrich Wilhelm Nietzsche**. São Paulo: Martins, 1961. pp.11-65.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S/A, 1990.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche**. São Paulo: ANNABLUME, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.
- _____. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. **Obras incompletas**. Seleção de textos de Gerárd Lebrum. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (Col. “Os Pensadores”).